

QUE E' A TERRA?

O VERBO CANTAR

QUE E' A VIDA?

R
GUERRA JUNQUEIRO

Que é a terra ?

O verbo cantar

Que é a vida ?

Com um estudo de JULIO BRANDÃO
sobre a vida do grande poeta,



LIVRARIA EDITORA
Empresa Litteraria Universal
119, C. do Combro, 121
Lisbôa



Guerra Junqueiro

Sobre Guerra Junqueiro tem-se escripto muito, e tem-se dito muito pouco. O grande cantor da «Morte de D. João» não foi ainda estudado como precisa a sua figura enorme, nem o poderá ser com precisão e profundez, sem que nos dê principalmente as suas theorias, sem que publique esses «Ensaios espirituaes», onde o pensador ascende a alturas de prodigio.

A partir dos «Simples», a sua obra accentua um modo de ser philosophico, que a propria fórma em crystaes maravilhosos guarda e reflecte admiravelmente em syntheses. Mas essa synthese escapa naturalmente á maioria dos espiritos.

Do poeta d'outrora, especie de archanjo flamejante da Biblia, clamando Verdade e Justica, Junqueiro ascendeu, modificando-se. O fogo exterminador e purificante, transformou-se di-

vinamente em luz... Dir-se-hia que o poeta titanico, cujos versos eram dardos de oiro e lume, vestiu a alma de burel humilde, floriu a musa de rosas espirituaes immarcesciveis—mas que cresceram no pleno marulhar da natureza esplendida. A propria physionomia exterior do poeta modificou-se. Este homem extraordinario tem no aspecto a simplicidade adoravel do seu trato, que é um encanto. As barbas cresceram-lhe, como as de Ruskin; e com ellas, de certo, cresceu a sua piedade...



COMO O POETA TRABALHA

O grande poeta não tem hábitos regulares de trabalho. Levanta-se cedo, como Miguel Angelo, deita-se também cedo. Faz versos «quando elles querem» — costuma dizer; isto é, quando essas estrophes immorredouras affloram na sua alma, como flores chimericas de Sonho á tona dum mar de luz.

E' andando que Guerra Junqueiro compõe grande parte dos seus poemas.

Passeia immenso, numa constante laboração mental. Tem as pernas infatigaveis dum «globe-trotter.» E' muitas vezes passeando que expõe as suas theorias scientificas, as suas descobertas estranhas, que mais duma vez precederam d'annos as de grandes homens de sciencia europeus. Lembramo-nos de algumas—que mais tarde publicou com exito extraordinario Flammarion.

Toda essa maravilha dos «Simples», a saty-

ra sangrenta e épica da «Patria», foi passeando que elevadamente as ouvimos ao poeta. Os que escutavam (às vezes fazia um luar, como eu creio que só ha em Portugal) deixavam-se levar no rythmo dos Versos, profundos como o oceano que tambem os ouvia, e que lembravam uma chuva d'estrellas. A elegia enorme do «In pulverem», lembra-nos ainda como se a voz do poeta trouxesse diluida a poesia eterna das cousas, o zumbir das abelhas divinas, o aroma serrano das urzes da sua terra, onde o castanheiro morre.

«Que feliz cadaver, que até cheira bem!...»

As balladas do Doido, na «Patria», eram, como hão-de ser sempre, assombros shakespearianos. Nós, os que o ouvimos, ficavamos em silencio — que é a linguagem do extasi. A noite corria infinitamente luminosa e mysteriosa. E apenas o mar suspirava, como nos tempos épicos, e as estrellas ficavam mais vivas para aureolar o Poeta...

A sua philosophia reduz tudo a phenomenos moraes e religiosos. Uma «Ethica cosmica»—no seu proprio dizer. Os seus auctores preferidos são naturalmente Empedocles, Plotino, Spinoza, Leibnitz, Schelling e Schopenhauer. — S. Francisco d'Assis e Beethovem são os homens que elle mais admira. Christo e Budha são para si os symbolos supremos dos super-homens.

Em arte as suas predilecções vão de Eschylo até Dante, Shakespeare, Hugo, Goethe, Shelley. Camões, Anthero, João de Deus, Michelet, Carlyle, Emerson e toda a poesia popular.

São estas as figuras que o grande Poeta mais ama. Dos vivos, não seria difficil, conhecida a sua trajectoria esthetica, indicar aquelles que o seu immenso espirito ou o seu grande coração preferem.



A HABITAÇÃO

A casa é o espelho da alma.

O «home» dum grande poeta e dum grande pensador como Guerra Junqueiro tem naturalmente reflexos do seu portentoso espirito. Ao invéz do que aconteceu aos Goncourt, no dizer dum ensaio de Bourget, aos quaes o amontoamento de «bibelots» e coisas d'arte foram formando certa maneira de ser litteraria, no caso do poeta dos «Simples» deu-se a simplificação e escolha de certa arte—que marca na decoração e nos objectos aproveitados a linha ascendente e definitiva da sua evolução esthetica.

A casa do extraordinario poeta não tem luxuosas ostentações. O seu gabinete de trabalho é extremamente simples: grandes estantes cheias de livros de arte e de sciencia, algumas gravuras nas paredes, e uma mesa de pinho, sobre que poisam alguns retratos queridos: Tolstoi, Hugo, Renan, Pasteur, Luisa Michel...

Das suas magnificas collecções de faianças, dos seus rutilantes contadores hispano-arabes, que abertos pareciam de coral e d'oiro, e que se diriam feitos para guardar a correspondencia ardente dos namorados das «Mil e uma noites»; emfim do seu mobiliario e dos seus quadros—apenas o poeta aproveitou para uma ou outra sala um delicioso museu d'arte gothica anterior ao seculo XVI.

Aquella decoraçào não é d'arte pela arte: é da arte vista atravez das formas definitivas e supremas da emoçào e da ideia. De toda a casa irradia ventura e virtude, uma paz imperturbavel, uma grandeza duma religiosidade suave e transcendente, que se prende ás raizes mais profundas da vida... Nos seus objectos d'arte—muitos de grande, inimitavel arte — ha sempre, como na sua combinaçào symetrica, aquella harmonia que não pode faltar aos grandes poetas, que são, nesta gleba de cardos, os enviados de Deus.

Em tudo ha rythmo: nas linhas nobres do mobiliario antigo, nas esculpturas dos seus Christos, nos armarios de castanho da Renascença, naquellas lindas arcas portuguezas, que tam bem guardariam o bragal de linho fresco, cheirando a camoeza, da Joanninha do Valle de Santarem.

Sempre uma linha harmoniosa e pura —como

na natureza inteira, aparentemente irregular e cahotica. «Deus é algebrico»—dizia Novalis.

Na sala de visitas ha muitos quadros admiraveis. A destacar entre as telas, esse prodigioso «Christo no monte Oliverete», que é um grande quadro do museu, de figuras sublimes, com uma tinta vaga de transcendente espiritualidade. Depois o poeta, com os seus olhos de genio, illumina-o de symbolos immensos... O quadro é de Greco, o mestre de Velasquez; o pintor excelso tantos annos quasi desconhecido!

Muitas pinturas italianas e flamengas, inolvidaveis; e entre estas um Van Eyk simplesmente divino pela doçura das figuras que pisam a terra, mas que evidentemente desceram do ceu... Não esquece nunca a frescura da côr, a espiritualidade archangelica do quadro!

Que nos lembre entre tantas maravilhas d'arte religiosa e candida—d'aquella que mais exprime a grandeza humana—as madonas e os Santos, as esculpturas deliciosas da sala de jantar de madeira jaspe, as arcas d'uma suggestão biblica e os retabulos em relevo—que nos lembre, só numa sala destaca a nota demoniaca dum prodigioso desenho original de Goya: é um conluio de bruxas. Dir-se-hia que o poeta quiz dar o contraste d'essas expressões estheticas, desses dois polos tam distantes da alma humana: Van Eyk, o divino, e o macabro caliginoso e genial dos «Caprichos»!

Nos seus quadros e esculpturas, emfim nos objectos d'arte plastica que hoje possui, como nos escriptorios, nos musicos que prefere, sente esta sua maneira de ver a arte:—«Ella vale mais ou menos, segundo a porção d'amor que abrange e que revela. A arte soberana é a que conjuga a natureza toda,—homens e monstros, aguas e arvores, pedras e nuvens, soes • nebulosas, com verbo infinito e perfeito, o unico verbo credor, que é o verbo amar.

O universo atomico, particulas innumeradas e vagabundas, fraterniza em Deus, unificado Deus, unificado numa só alma e num só corpo».



UM RETRATO DE UMA ESTATUA DE NUN'ALVARES

O grande poeta possui o unico retrato do Santo Condestavel — que elle tam epicamente cantou em tercetos immorredoiros. Lembram-se ?

«E a patria! o meu amor! a patria bella!...
Em que mingoa eu a vejo!... Quem a abraça,
Quem vae lidar até morrer por ella? [...]

Não existe outro retrato a oleo, embora, segundo a «Chronica dos Carmelitas», tivesse havido «grande variedade de imagens, abertas em differentes reinos e tambem em Roma: e o que mais é, que as pintam com «diademas» e resplandores, como se fóra canonizado».

O «Conde Santo» foi canonizado pelo povo. «Invocado por elle, promptamente lhe accedia ás supplicas». A patria inteira santificára o heroe mystico de Aljubarrota. Roma ainda não.

Mas voltando ao retrato que Guerra Jun-

queiro possui — e que é talvez a sua tela mais amada — vamos transcrever a descripção que algum coevo fez de Nun'Alvares («Chronica dos Carmelitas», tomo I, parte III) e que a tela reproduz exactamente.

—«Foy o virtuoso condestavel de meam estatatura, teve o rosto comprido, côr branca, o nariz afilado, e agudento, os olhos pequenos, mas muy viventos, as sobrançelhas arcadas e ruivas assim era o seu cabello, não só da cabeça mas tambem da barba, com algumas ruguiças na testa e nos cabos dos lagrimaes, a boca pequena com o seu sembrante muy amezurado.»

*

A esculptura em madeira que o auctor dos «Simples» pôde adquirir tambem é de certo unica. O Condestavel teve effectivamente, muitas estatuas, adoradas nos altares de todo o reino—mas com o dominio dos Felippes desapareceram todas. O demonio do meio dia, de feito, não gostaria de ver aquelle que representava a Patria no que ella tinha de mais cavalheiroso, de mais épico e mystico! Queimaram-nas, partiram-nas. Facto registavel, não é verdade, para a moral dum povo!

Hoje Guerra Junqueiro não conhece outra esculptura senão a que possui—a não ser que ainda exista a do convento de Moura, que os religiosos chrisamaram em Santo Amaro, com

medo dos invasores. As insignias, porém, eram do Condestavel, e totalmente alheias ao abba-de Santo Amaro, diz ainda a «Ch. dos Carmelitas». Tinha na mão esquerda um livro, na direita um bordão que volta na face superior, e pendente ao peito sobre o habito, o Relicario que lançava ao pescoço, quando entrava nas batalhas. (Idem).

A estatua de madeira que o grande poeta possui (e que pensa deixar, com o retrato ao museu das Janellas Verdes) não oferece duvida ser do Condestavel. O talhe da barba, o afilado do nariz e do rosto, condizem inteiramente com o retrato a oleo, e com a descrição que nós já trasladamos. Além d'isso, o habito, o baculo «em que descansava depois de enfraquecido» e o livro de meditações «que sempre comsigo trazia». Mas ainda, um detalhe interessantissimo. Diz a «Ch. do Carmo», a pag. 478:—«Havia um «barrete de faces» (como lhe chama o allegado fr. Jeronymo da Encarnação) com o qual o Santo Condestavel, depois de vestir o habito religioso, cobria a cabeça. Conservou-se com a estimação devida por muitos annos neste convento, até que o perdemos, e se emprestava aos enfermos de queixas graves, que o punham tambem na cabeça, e alcançavam milagrosamente do Senhor, por intercessão d'aquelle virtuoso Servo».

Ora, para mais certeza, além da semelhança physionomica, do baculo, do livro — a estatua de Junqueiro tem esse «barrete de faces» miraculoso, que mais lhe accentua a significação e o character.



AS "ORAÇÕES"

«Rezar o universo é polarisá-lo no infinito amor. Rezar é o superlativo divino do cantar. A oração é a canção angelizada, a canção chorada e de mãos postas. O universo absorve-a, compreende-a. -Ouve-a Deus, os homens escutam-n'a e as ondas, as águas e os rochedos vagamente a percebem, como um halito amigo, uma carícia branda e luminosa».

Guerra Junqueiro

Fallar dum poeta (sobretudo dum poeta que representa a mais nobre e mais profunda poesia moderna) é um doce momento da existencia do homem, porque é sempre consolador recordar, em meio de egoismo, da vaidade e da mentira, o que traga um reflexo de Belleza suprema — essa auréola que é tecida de

genio e lagrimas, e por isso cada vez mais sagrada e fulgente.

Um poeta ou um Santo são as expressões mais augustas da vida: e estas duas palavras começam de confundir-se, felizmente, para darem a synthese de toda a grandeza humana.

Para fallar dum grande poeta é necessario um cantico. As palavras pesam, oxidam-se, tropeçam: o que é divino adora-se. E eu, cuido que a natureza lhe agradece os seus poemas, quando sinto os pinheiraes, num murmurio de reza, o aroma, que é o sonho das florestas, e as litánias do vento, em noites vagas, que não sei bem porquê me lembram Shakespeare.

Houve tempo em que ser-se poeta era ser-se maltrapilho e faminto: hoje mais do que nunca, o poeta tem fome... Mas essa fome da alma, jorro de luz fecunda e esplendorosa, que procura alumiar a fugitiva Essencia, que leva o homem a cantar, como agora acontece, em versos nunca escutados, o coração mysterioso da Vida... Conscientemente? De certo. As «Orações» são a expressão do lyrismo philosophico do homem mais caracteristicamente genial do nosso tempo; e como se lhe não bastasse um pensar tam profundo, e um sonhar tam divino, a sua arte, por isso mesmo que é nova e mundial, faz da fórmula quanto ha

de mais subtil, mais musical, mais ethereo—como se a sua lyra, enchendo o espaço inteiro, fosse tocada mysteriosamente pela propria Luz que o poeta vae cantando..

Guerra Junqueiro ha muito que chegou ao mais alto da montanha encantada. Esse instante da existencia deve confundir-se com a translucidez imperturbavel; é só ahí que se abrem as flôres immortaes; escuta o psalmo extasiante, que os deuses tocam em grandes theorbas d'oiro... E a natureza deve ser tam outra do que se mostra aos nossos pobres olhos, que o crystal e a flor começam a fallar a mesma lingua cosmica, em dialogos que só raros poderam articular ou presentir. A essencia das coisas illumina-se; o mundo transfigura-se. E' que os poetas de genio teem o condão legendario de auscultarem o mundo..

Mas assim como dum bolbo sepulto nasce uma flôr redolente e doirada, tambem de dor e de lentos soluços se deve ter formado a atmosphera que envolve os grandes homens, abrem as flores immortaes; é só ahí que se amorosa e luminosa como os olhos de Jesus.

As «Orações» diziamos, são o cantico augusto e lyrico da Vida. Deus creou estes poetas para serem os interpretes da sua obra.

Elles são os seus enviados, ainda tanta vez incompreendidos.

O sentido do universo ahi está nesses poemas prodigiosos. A sua musica é a mesma da harmonia dos mundos; o univerrso é rythmico.

A dôr e o amor supremo, commungando, dão essa poesia fluida, que me recorda o mar: pela sua vastidão, pelo seu carme, pelo seu aneio constante do ceu... Para mergulhar nas suas aguas de crystal e mysterio, não admira que tenhamos muitas vezes a vertigem que os mergulhadores e os aeronautas hão de sentir nos ares mais longiquos (onde a lua é mais bella), ou nos mares mais profundos (onde já tudo é divinamente tranquillo!...)

A «Oração ao Pão» e a «Oração á Luz» são, em verso doiro, toda a «ethica cosmica» do poeta. A «Oração á Luz» dir-se-hia a propria luz feita verbo — com o condão de doirar o pelago das consciencias, e de alumiar a genio os labyrinthos do Destino. E' preciso haver sido um estranho mineiro, com uma estrella nos olhos, atravez de toda a immensa escuridão das cousas, para assim a inundar de fulgores offuscantes!

Porque será que escapam, tanta vez, as concepções do Poeta? Por syntheticas e im-

mensas, porque num verso se condensa a cultura de seculos; porque o poeta põe, num crystal apenas, a agua toda d'um mar... Depois, são do futuro, naturalmente, os prophetas; e a vida interior, a vida moral, em certos homens parece uma mendiga, para sempre adormecida e cheia de fome... Nós, ao lè-las, sentimos desabrochar em flores, na alma extatica, a propria prece; sentimos um rio sagrado que a lava, um lume que a depura, a exalta, e nos ensina com uma doçura, que poucos grandes homens, desde Platão a Tolstoi, tiveram assim na palavra archangelica. E' uma doçura luminosa e magnetica.

Esse o seu lyrismo excelso, o seu condão divino. Ao beber na cóncha da mão um trago d'agua, eu posso ignorar o que seja a agua, mas eu a bemdigo, porque me mata a sede. A philosophia do poeta, a sua esthetica, converteram-se no hymno sublime, palpitam em sonho e musica nas orações abençoadas, como de resto a luz se transformou em flor e em lagrima... E o «orpailleur» encantado que ahi fôr buscar oiro, traz as mãos cheias d'elle!

Publicados os seus «Ensaioes espirituaes, as suas assombrosas theorias com verdadeiras

descobertas de vidente, (1) o mundo culto ha de então assistir a notações prodigiosas. Mas aquella ancia de verdade e de sciencia, que tanto absorve o poeta,—e que em artistas só encontro similar num Goethe ou num Leonardo de Vinci—casando-se a uma imaginação proteica e a uma bondade milagrosa, vae-nos dando a maravilha d'essa poesia verdadeiramente reveladora, e que no bello dizer do poeta «fará talvez rezar os laboratorios».

Evidentemete, para ler Junqueiro, é necessario, como para ler todos os grandes innovadores de genio, estar-se dentro da sua maneira de ver, do seu modo de interpretar e explicar o universo. Mas, sobretudo, a um poeta, é necessario amal-o: que a nossa consciencia tente voar tambem para a mesma estrella redemptora; que cada um possa dizer com elle, como se S. Francisco d'Assis, desnudo e casto, viesse cantar um novo hymno ao Sol:

«Farei de ti, luz dum momento,

A luz eterna, a luz divina, a luz do Amor!»

«Os philosophos, os artistas e os Santos, eis aqui os homens verdadeiros, os homens que se separam do reino animal.»

(1) primeira a apparecer será a memoria sobre o Radium («Estudo de sociologia atomica»).

Estas palavras são de Frederico Nietzsche, o desgraçado grande homem, inolvidavel poeta de «Zarathoustra.» E cito-o, como um philosopho polarizado tam oppostamente ao nosso immenso auctor.

O que é certo é que Junqueiro agrupa luminosamente modalidades supremas do homem nietzscheano. Elle seria um dos «heroes» de Carlyle; seria um dos mais perfectos «representantes da Humanidade», de Emerson. Para nós é a maior gloria da nossa terra. O que é grande é grande—para aquelles que poderem admirar e amar.

E não é essa a maior consolação da existencia ?



VIDA IRONICA

O genio popular afaz-se ás grandes figuras —e mais ainda ás que são de grandes poetas —pelo lado pittoresco da anecdota. O dito de espirito, o que ha em cada homem de aventureoso e decorativo, abala as imaginações ingenuas, para quem a grandeza angusta da vida é a dum folhetim mais ou menos scintillante.

Uma «boutade» ás vezes illumina-nos uma figura: uma phrase revela, na sua synthese de luz, um pensador ou um poeta... Mas é sobretudo a aza irisada da graça, a vespa ardente do epigramma, que interessam o maior publico. Isto a par dum grande gesto heroico, ou das aventuras novelescas.

Que sabe muita gente de Bocage, de D. Francisco Manuel de Mello? Chalaças do seculo XVIII, ou grandes scenas de amor.

De Camillo conhecem-se a aventura e o sarcasmo; de Quevedo, fóra de cenaculos erudi-

tos, mesmo na radiosa Hespanha, falla-se de epigrammas, e lances de duello com botes formidaveis. E' a vida theatral, que absorve e escurece o brilho, tantas vezes eterno, da vida profunda...

O nosso grande poeta foi até á elaboração dos «Simples»—janella immensa, d'onde começa a jorrar sobre a vida cosmica outra belleza e outra luz — foi, diziamos nós, uma das mais extraordinarias figuras peninsulares: pelos lampejos incomparaveis da sua ironia caustica, pelo alor da sua mocidade esplendente. Fallar do grande poeta que troçara do Diabo, que matara D. João e que envelhecêra o proprio Padre Eterno,—era evocar uma chuva de satyras, uma aurora boreal com flexas d'oiro que ficassem cravadas, scintillando, em Falstaff, em Tartufo, ou nas orelhas de Mr. Prudhomme...

Elle era nesse periodo de demolição activa e riso olympico—qualquer coisa de Apollo e de Hercules Farnesio, cuja clava fosse de sarcasmo e «verve».

E' desse tempo a historia já vulgarisada d'aquelle padre obeso e mastodontico, com quem Junqueiro se encontrou num comboio. Logo começou a palestrar com o clerigo, que não tardou, bem conduzido o dialogo, a apostrophar violentamente o auctor da «Velhice,

demoníaco, e maldito, sobre quem lançou ex-communicões, enxofre, e todas as bestas do Apocalypse.

Pela sua banda o poeta também amaldiçoava o energumeno, e deixava extasiado o padre, que assim via atacado por um homem ainda moço e de tamanho talento dialectico, o poeta do mundo que elle mais odiava.

— Caspité! Bravo! Bravissimo! — clamava o padre.

Commovido, encantado, accitou que tirassem os dois uma photographia — queria possuir um retrato junto ao de um tam poderoso engenho!

E pitadeando-se, com frouxos de riso, num enthusiasmo, respondia aos ditos incomparaveis do poeta a respeito da «Velhice»:

—D'arromba! Caspité! Bravissimo!

Os senhores estão a ver a cara do homem, quando lhe disseram que aquelle retrato era... de Guerra Junqueiro, o endemoninhado!...

*

Seria difficil relatar as anedotas que se lhe attribuem — «o cisco da vida», como diz hoje o poeta. Num «magazine» reproduziremos ainda uma ou outra nota do seu espirito caustico.

Certo dia, já depois das transigencias de

Antonio Rodrigues Sampaio, numa roda d'amigos em que estava o grande jornalista, Guerra Junqueiro definia em traços esplendidos varias individualidades de arte e de politica.

— Rubens, dizia o poeta, é um marchante de carne Olympica. Dá vontade de se lhe dizer: dê cá costelletas de deusa!

Então alguém lembrou — a definição de Sampaio. O pamphletario do «Espectro» reclamou tambem a sua definição. E a definição foi esta:

— Era um javali. Domesticaram-no. E' um porco.

Um titular, que em tempos fôra barbeiro em Coimbra — esta é deliciosa — e que mais tarde versejou toscamente, encontrando o grande poeta exclamou com emphase:

— Como está, mestre?!

Junqueiro sorriu nos olhos penetrantes, e respondeu:

— Fréguez, fréguez....

*

Guerra Junqueiro não foi um «bric-à-braquista» no sentido trivial da palavra. Procurava nas formas antigas ou perdidas da arte uma suggestão superior de belleza. E os prodigiosos artistas como elle, bem sabem quanto é doce esse goso esthetico, a evocação de

civilizações e de epochas distantes nos aspectos mais variados e nas expressões mais diversas — um goso espiritual, talvez como o de contemplar num esmalte um rosto de mulher linda, ha muito tempo amada e já perdida . . .

Nessas conquistas de «bric-à-brac», Guerra Junqueiro foi bastas vezes heroico. Conquistou alguns quasi com a mesma difficuldade com que Annibal passou os Alpes.

Ha aneddotas duma graça infinita. Algumas se passaram na Hespanha — nessa Hespanha catholica, que ainda nos velhos burgos parece guardar em carne e osso os desenhos macabros de Goya.

Junqueiro falla a primor o castelhano.

— Appetecia passear por lá, para praguejar á vontade, dizia o poeta.

De resto, essas velhas terreolas estão cheias ás vezes de esculpturas admiraveis, de quadros, de obras d'arte, maravilhas lendarias. Numa pequena villa topa-se ás vezes um pequeno museu delicioso. As tradições aninham-se por toda a parte; sentem-se os passos lentos dos inquisidores, que vão pegar fogo ás fogueiras purificadorias.. E nós sentimo-nos de capa negra, a espada de velhos copos telintando, o sombreiro descido, á cata dum grande amor novelleco ou, como no caso do nessesó

grande poeta, á procura dum Zurbaran ou dum Ribera.

Ora quando Junqueiro juntava a sua maravilhosa collecção de faianças, alguém que ia pernoitar na estalagem de «Villa Vieja» (as estalagens são ainda as mesmas dos tempos de D. Quixote) perguntava ao estalajadeiro quem havia por companheiro na pousada.

O homem respondeu que era um sujeito de borjaca, a encher os alforques de antiquilhas.

— Como se chama ?

— «Su nombre... su nombre... me parece que es Junquera».

Ficou o portuguez a parafusar na identidade desse desconhecido ferro-velho — até que lhe appareceu o nosso grande poeta. Tornou-se-lhe num eden a terreola antiga. Ha lá deserto insupportavel, quando o illumina a scintillante conversa e a verve de Junqueiro!

No dia seguinte, ao sol magnifico, tangendo «el rucio», o poeta lá partiu pelas ruas turtuosas, pregoando:

— «Quien tiene para vender cuencas, palanganas, medias fuentes!»

Abriam-se as adufas. E como nos tempos do Oid, espreitavam os rostos morenos das raparigas, e os das velhas, que ainda são todas bruxas.

O poeta erguia o grito claro, ao sol formoso:

—«Quencas, palaganas, medias fuentes»!

E logo as adufas desciam... Nas ruas, no adro, os magotes rodeavam Junqueiro, ao sol fulgente num quadro soberbo de colorido e pittoresco.

E «Villa Vieja» ficou, de sa vez, sem um prato.

*

Ha já annos vieram dizer-lhe que havia um confeitiro, que vendia quadros antigos de grande valor.

O poeta foi ver.

Appareceu-lhe, numa pastelaria sebenta, um homemzarrão com ares terriveis — que se sumiu num sotão a buscar mysteriosamente os grandes quadros.

Trouxe uns tres ou quatro.

— De quem é este? perguntou Junqueiro.

— Rubens! exclamou o homem, arregalando os olhos.

— Quanto vale ?

— Dez contos de réis.

— E este, de quem é ? perguntou o poeta, apontando outra detestavel tela.

— Raphael! gritou o homem. Seis contos de réis.

— E este ?

— Velasquez, escola hespanhola—seis contos de réis.

Então o poeta, olhando á volta, descobriu um pastel cheio de moscas, debaixo d'uma gaze esverdeada e suja...

— E este pastel, quanto custa ?

— Um vintem — disse o homem com mé sombra, esbogalhando immensamente os olhos.

— Pois levo-lh'o. E' a unica coisa authentica, e verdadeiramente antiga, que o senhor possue!

*

D'esse tempo são os seus versos esplendidos da «Lanterna magica», o seu dandysmo estranho, — uma época de juventude ardente e de gloria que não passou decerto, mas que apenas lhe mudou em flores de perfume divino o purpureo esplendor das camélias desfeitas...

Julio Brandão

QUE E' A TERRA ?



QUE E' A TERRA ?

Eu creio que a terra é um grande monstro vivo, que tem alma, que sente e que pensa, que ri, que chora, que trabalha e que dorme.

No seu vasto e profundo thorax de pedra, ha um enormissimo coração, latejando e resfolegando como uma forja fabulosa de cyclopes, onde o sangue venoso se deve engolfar tonitroando em catadupas de Niagara, para sair rejuvenescido e resplandecente, em milhares de Amazonas tormentosos, que o espalhem em ondas de vida creadora por todos os labyrinthos do seu organismo descommunal.

As plantas e as arvores que cobrem grande parte do globo são apenas, em relação a ella, uma insignificante erupção herpetica de character benigno. O Hymalaia é uma borbulha, o Vesuvio é um anthraz.

E o homem? Ah! o homem, esse rei da criação, não é mais que um animalzinho invisivel, qualquer cousa parecida a um mosquito dividido por cem, pousado sobre um Leviathan multiplicado por mil.

Ora é claro, que num monstro, cujo corpo tem cem mil leguas quadradas de superficie, o menor estremeccimento, o fremito, representa para nós um cataclysmo pavoroso.

Todas as assombrosas Babeis que a humanidade, ha milhões de annos, tem levantado triumphantemente para o Azul, desde Thebas, Roma, Ninive e Babylonia, até Londres, Paris e Nova-York, toda essa obra extraordinaria de centenas de seculos, poderia a terra desmoronal-a num minuto de maneira

bem simples, com um simples ataque de «nervos».

E quem sabe se o globo, em vez de morrer, como vaticina a sciencia, de amollecimento de cerebro, não morrerá pelo contrario, na força da vida e da saude, de uma apoplexia fulminante — e terremoto universal?

Emfim, diante das fatalidade horrosas e irremediaveis da natureza, sinto-me feliz por fazer parte do miseravel formigueiro humano numa epopéa de solidariedade cosmopolita, em que um gemido de dôr, ou um estampido de catastrophe repercute dentro de duas horas pela superficie do mundo inteiro, fazendo palpitar generosamente, unanimemente todos os corações — como os grandes sinos de bronze de todas as torres de uma cidade immensa dobrando a rebate, num côro titanico, perante um incendio colossal!

O VERBO CANTAR



O VERBO CANTAR

O verbo cantar é um dos filhos radiantes do verbo supremo, do verbo eterno, do verbo divino e creador, que é o verbo amar.

Cantar é pôr os sons em harmonia, torná-los amigos, parentes próximos, irmãos devotados e inseparáveis. Cantar é moralizar o som. Os sons discordes significam egoísmo, desuniões, lutas, violencias, ódios, hostilidades. Os sons acordes realizam paz, aliança, carinho, virtude, abnegação, amor. Quando os sons reciprocamente se estimam, dizemos que se casam. E' a verdade.

O piano, o violino, o órgão. No piano as notas são articuladas, há um salto de

nota para nota. Há contiguidade, não continuidade. De nota a nota há um interstício, uma lacuna. Cada uma delas não perdeu por completo a sua autonomia, o seu egoísmo. No órgão ou na rabeca as notas são continuas, fundem-se, convivem mais, porque cada uma delas, sacrifica, por amor á outra, uma parte do seu individualismo, o seu limite; sentimo-las diferentes, mas não sabemos onde acaba uma e onde começa a outra.

A palavra falada, a palavra cantada. No canto há mais amor entre as palavras, socializam mais, fraternizam mais. O grito inarticulado é a primeira lingua do animal. A palavra articulada é musica entre as silabas. Há palavras mais amorosas e menos amorosas. O verso é mais belo do que a prosa, porque estabelece entre as palavras uma amizade mais estreita. Um verso errado é um delito.

Os gemidos e os ais são harmónicos. Tanto mais harmónicos quanto mais

intensa e amorosa a dor profunda que os produz. Esses ais são o espectro sonoro do sofrimento, como as côres são o espectro da luz.

A luz é musica. O prisma é um instrumento de musica. Faz da luz uma orquestra, um hino de côres. O prisma revela a musica dos átomos.

Há linhas e côres que fazem cantar, porque são já musica sem voz. O canto tradu-las apenas, dà-lhes lingua.

A desarmonia é um peccado. Ou antes, a desarmonia é o peccado.

O cristal é o canto lirico dos átomos. O carbone, cristaliza de três formas, canta de três maneiras. O diamante é o seu hino mais puro.

Não há dois cristais de neve que sejam idênticos; em cada floco de neve há milhões de cristais, milhões de estrofes silenciosas: nevar é água a cantar.

A flor é o canto da raiz. As plantas cantam na primavera. Os campos em Abril rezam os seus poemas.

O éter não ouve, não é amigo do som.

O som nasceu muito depois do éter. Os gases conduzem mal o som. Os líquidos conduzem-no quatro vezes melhor e os corpos sólidos doze vezes melhor. Porquê? Porque o gás é mais egoísta do que o líquido, e o líquido mais egoísta do que o sólido.

Os metais que não vibram, os metais mudos, são os metais moles, estanho, chumbo, mercúrio, cujas moléculas têm entre si menos coesão, menos amizade. Pelo contrário, os metais mais sonoros são os metais mais amorosos, os metais mais rígidos, cujas moléculas se apertam e unem por um amor mais íntimo. O estado mais amoroso num metal é o mais rígido, o estado cristalino. Por isso os metais mais vibrantes e de melhor timbre são o ouro, a prata, por exemplo, isto é os metais que cristalizam naturalmente.

Um carro de madeira em achas vale meia libra. Um kilo de madeira num violino chega a pagar-se por muitos kilos de ouro. Um violino maravilhoso, um

Stradivarius, é uma acção esplêndida. E fazê-lo gemer e chorar divinamente é uma acção de bemaventurado. O que há num violino? Madeira sêca e tripas mortas. Com o cadáver do plátano e os intestinos do porco, criar uma voz que extasia os anjos! Uma bela harpa, suspirando, evangeliza. E' um sermão. O inventor do órgão deveria ser canonizado. O órgão é a voz profunda da catedral.

Toda a juventude e graça da natureza, em manhãs de glória, cantam na voz da cotovia. Milagre da musica! Todo o deslumbramento do universo no candido gorjeio de um passarinho!

Os cegos teem um ouvido prodigioso, e adoram a musica. Os mendigos cegos pedem esmola, cantando. Acumulam no ouvido o poder amoroso que se reparte pelos olhos. Por isso cantam continuamente.

A canção é a flor dos lábios. As bôccas dos civilizados bestiais comem, devoram, mentem, blasfemam, escarne-

cem, mas não cantam. Os ricos, geralmente, não cantam. Ouvem cantar á noite, para auxiliar a digestão. O jornalista, lavrando e ceifando, canta. O burguês, atarefado em negócios, calcula, questiona, grita, roga pragas. Os banqueiros, que se nutrem de oiro, teem a alma de chumbo. Os mendigos cegos, que vivem de esmolos, teem harpas no coração.

Os hinos nacionais. As marchas guerreiras. Os homens, cantando, caminham impávidos para a morte. A Marselhesa é heroismo sonoro, é vitória em musica.

Só o povo canta as canções que choram e fazem chorar, porque trabalha e sofre com resignação e com amor.

O criminoso que canta, arrependido, vale mais que o juiz que lhe deu a sentença. O povo, mesmo nas cadeias, canta. Nos tribunais invectiva-se.

O povo é o maior poeta. O cancionero popular é uma biblia em musica.

Na casa onde se não canta, berra-se.

O ouvido sem canções é um ouvido ás escuras.

Certas estrofes sublimes, passando continuamente por certas bôccas, divinizam-nas. O beijo da bôca que canta é um beijo celeste que sabe a musica.

Grande parte da misantropia de Byron veio-lhe de uma falta musical, de uma perna sem musica. Coxeava, isto é, caminhava no globo desarmónicamente, negando a musica. De ai a tortura e o sofrimento para o seu génio musical. Byron arrastou durante a vida, como grilheta de condenado, uma perna manca, um verso côxo, a que faltavam silabas.

Os berços sem canções são berços que não tem mãe. A criancinha que não fala só entende o que lhe cantam, o que se lhe diz por musica.

Quem canta toda a vida, traduz a vida em harmonia, angeliza a vida. S. Francisco de Assis morreu a cantar.

Cantar é amar. O cantico religioso é

a oração perfeita. A lingua dos anjos é musica espiritual. A sintese do universo, o cantico absoluto, é o absoluto Amor! E' Deus.

QUE E' A VIDA?



QUE É A VIDA ?

A vida é o mal.

A expressão última da vida terrestre é a vida humana, e a vida dos homens cifra-se n'uma batalha inexorável de appetites, n'um tumulto desordenado de egoismos que se entrechocam, rasgam, dilacéram.

O Progresso, marca-o a distancia que vae do salto do tigre, que é de dez metros, ao curso da bala que é de vinte kilometros.

A fera a dez passos perturba-nos. O homem é a féra dilatada.

Nunca os abismos das ondas pariram monstro equivalente ao navio de guerra,

com as escamas de aço, os intestinos de bronze, o olhar de relampagos, e as bocas hiantes, pavorosas, rugindo metralha, mastigando labaredas, vomitando morte.

A pata prehistorica do atlantosauro esmagava o rochedo. As dinamites do chimico estoiram montanhas, como nozes.

Se a preza do mastodonte escavacava um cedro, o canhão Krupp rebenta báluartes e trincheiras.

Uma vibora envenena um homem, mas um homem sosinho, arraza uma capital.

Os grandes monstros não chegam verdadeiramente na época secundaria, apparecem na ultima, com o homem.

Ao pé de um Napoleão, um megalosauro é uma formiga.

Os lobos da velha Europa trucidam algumas duzias de viandantes, enquanto milhões de miseraveis cahem de fome e de abandono, sacrificados á soberba dos principes, á mentirã dos padres e à gula

devoradora da burguezia christã e democratica.

O matadouro é a formula crua da sociedade em que vivemos. Uns nascem para rézes, outros para verdugos. Uns jantam, outros são jantados.

Ha creaturas lobregas, vestidas de trapos, minando montes, e creaturas esplendidas, cobertas de oiro e de veludo, radiando ao sol.

No cofre do banqueiro dormem pobres metalisadas.

Homens que têm Imperios, e homens que não têm lar.

E a natureza, insensivel ao drama barbaro do homem!

Vivem quadrupedes em estrebarias de marmore, e agonisam párias em alfurjas infectas, roidos de vermes.

A latrina de Vanderbilt custou aldeolas de miseraveis.

E visto os palacios devorarem pocilgas, todo o boulevard grandioso reclama um quartel, um carcere e uma forca. O

Deus milhão não digere sem a guilhotina de sentinella.

Os homens repartem o globo, como os abutres o carneiro. Maior abutre, maior quinhão.

Enfeitam gargantas de cortezans, rosarios de esmeraldas e diamantes, bem mais sinistros e lutuosos que rosarios de craneos ao peito de selvagens.

Bebem champagne alguns cavallos do sport, usam aneis de brilhantes alguns cães de regaço, e algumas creaturas, por falta de uma codea, acendem fogareiros para morrer. Bemdito o oxido de carbono que exhala paz e esquecimento.

Os pés mimosos das princezas desluzam luzentes d'oiro por alfombras, e os pés vagabundos calçam, sangrando, rochedos hirtos e matagais.

Guerra, odios, crimes, tiranias, hecatombes, desastres, iniquidades, deixam-na indifferente e inconsciente, como o rochedo immovel, bulindo-lhe a aza duma vespa.

Ha homens que ceiam numa noite um bairro funebre de mendigos.

O clamor atroador de todas as angustias não arranca um ai da immensidade inexoravel.

A aurora sorri com o mesmo esplendor aos campos de batalha ou ao berço infantil, e as hervas gulosas não distinguem a podridão de Locusta da podridão de Joanna d'Arc.

Reguem vergeis com o sangue de Iscariote ou com o sangue de Christo, e os lirios innocentes (estranha innocencia!) desbrocharão, egualmente candidos e nevados.